

NOMEADO
PRÊMIO
GOODREADS

O REI PERVERSO

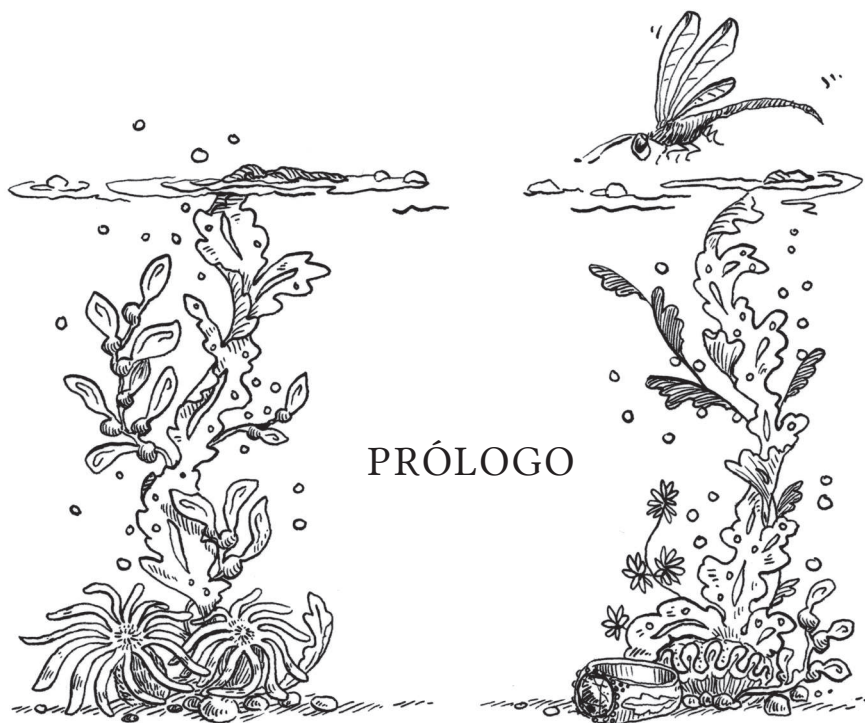
«Uma saga épica
sobre conspiração real
e enganos.»

ENTERTAINMENT WEEKLY

TOP
SELER
#Bliss

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

HOLLY BLACK



Jude ergueu a pesada espada de treino, assumindo a postura inicial: prontidão.

Habitua-te ao peso, disse-lhe Madoc. Terás de ter força suficiente para golpear e golpear e tornar a golpear, sem te cansares. A primeira lição será tornares-te assim tão forte.

Será doloroso. A dor torna-te forte.

Fincou os pés no relvado. O vento soprava-lhe o cabelo enquanto assumia cada posição. Primeira: a espada à sua frente, inclinada para um dos lados, protegendo o corpo. Segunda: o pomo erguido, como se a lâmina fosse um chifre que lhe saísse da cabeça. Terceira: baixando até à anca e desenhando uma curva descendente e fluida à sua frente. E quarta: outra vez para cima, até ao ombro. Cada postura era fácil de se converter em ataque ou defesa. Combater era como jogar xadrez, antecipando o movimento do adversário e respondendo-lhe antes de haver contacto.

Mas era xadrez jogado com o corpo inteiro. Xadrez que a deixava coberta de nódoas negras, cansada e frustrada com o mundo inteiro e também consigo mesma.

Ou talvez fosse mais como andar de bicicleta. Quando aprendeu a fazê-lo, no mundo real, caiu muitas vezes. Os seus joelhos ficaram tão esfolados que a mãe pensou que ficaria com cicatrizes. Mas Jude tinha tirado sozinha as rodas de treino e desdenhara qualquer cuidado a andar no passeio, tal como Taryn. Jude queria andar na rua, depressa como Vivi, e se, como consequência, ficasse com gravilha cravada na pele... bem... nesse caso, deixaria o pai tirá-la com uma pinça à noite.

Às vezes, Jude sentia saudades da sua bicicleta, pois não havia nenhuma em Faerie. Havia, no entanto, sapos gigantes, póneis magros esverdeados e cavalos de olhos desvairados, esguios como sombras.

E armas.

E o assassino dos seus pais, agora seu pai adotivo. Madoc, o general do Rei Altíssimo, que queria ensiná-la a cavalgar demasiado rápido e a lutar até à morte. Mas por mais fortes que fossem os seus golpes contra ele, apenas lhe causavam riso. A raiva dela agradava-lhe. Era *fogo*, dizia ele.

Ela gostava de sentir raiva. Era preferível ao medo. Era melhor do que se lembrar que era uma mortal entre monstros. Já ninguém lhe dava a opção de usar rodas de treino.

Do outro lado do campo, Madoc orientava Taryn numa sucessão de posturas. Taryn também estava a aprender a usar a espada, apesar de os seus problemas serem diferentes dos de Jude. As suas posturas eram mais perfeitas, mas odiava a esgrima. Respondia com defesas previsíveis a ataques óbvios e era fácil atraí-la para uma sucessão de movimentos e atingi-la pela interrupção do padrão. De cada vez que acontecia,

Taryn enfurecia-se, como se Jude estivesse a trocar os passos de uma dança e não a ganhar.

— Vem cá — chamou Madoc do outro lado do amplo relvado em tons de prateado.

Aproximou-se dele, com a espada sobre os ombros. O sol punha-se, mas as fadas eram criaturas do ocaso e o seu dia estava longe de terminar. O céu estava riscado com cobre e ouro. Inspirou fundo o cheiro a agulhas de pinheiro. Por um momento, sentiu-se como uma miúda a aprender um desporto novo.

— Vem esgrimir — disse, quando Jude se aproximou. — Vocês as duas contra este velho barrete-vermelho. — Taryn apoiou-se na espada, cravando a ponta no chão. Não devia segurá-la assim — não era bom para a lâmina —, mas Madoc não a repreendeu.

— O poder — disse. — O poder é a capacidade de conseguirmos o que queremos. O poder é a capacidade de tomarmos decisões. E como conseguimos poder?

Jude posicionou-se ao lado da sua gémea. Era óbvio que Madoc esperava uma resposta, e igualmente óbvio que esperava a resposta errada.

— Aprendendo a lutar bem? — disse Jude, para dizer *alguma coisa*.

Quando Madoc lhe sorriu, ela viu as pontas dos seus caninos inferiores, mais longos do que o resto dos dentes. Despenteou-lhe o cabelo, e Jude sentiu as pontas das suas unhas, quase garras, no seu couro cabeludo, de forma demasiado suave para a magoar, mas sem deixar de a lembrar o que ele era.

— Conseguimos poder, tomando-o.

Apontou para uma colina baixa com um espinheiro a crescer-lhe no topo.

— A lição seguinte será um jogo. Aquela colina é minha. Avancem e capturem-na.

Taryn pôs-se a caminho, obediente, seguida por Jude. Madoc acompanhou-as com um sorriso cheio de dentes.

— E agora? — perguntou Taryn, sem qualquer entusiasmo perceptível.

Madoc olhou para o horizonte, como se ponderasse e descartasse várias regras.

— Agora, defendam a colina de um ataque.

— Como assim? — perguntou Jude. — De ti?

— Isto é um jogo de estratégia ou um exercício de combate? — perguntou Taryn, franzindo a testa.

Madoc elevou-lhe o queixo com o dedo, erguendo a cabeça de Taryn até esta fitar os seus olhos dourados de gato.

— Que é o combate senão um jogo de estratégia acelerado? — disse-lhe com grande seriedade. — Fala com a tua irmã. Quando o sol chegar ao tronco daquela árvore, tomarei a minha colina. Derrubem-me uma vez e vencem as duas.

A seguir, partiu para um aglomerado de árvores a alguma distância. Taryn sentou-se no relvado.

— Não quero fazer isto — disse.

— É só um jogo — recordou-lhe Jude, nervosa.

Taryn lançou-lhe um olhar — aquele que trocavam quando uma delas estava a fingir que tudo estava normal.

— Que *achas* que devemos fazer?

Jude olhou para os ramos do espinheiro.

— E se uma de nós atirar pedras enquanto a outra combate?

— Está bem — disse Taryn, levantando-se e começando a enfiar pedras nos bolsos das saias. — Achas que vai ficar chateado?

Jude abanou a cabeça, mas percebeu a pergunta de Taryn. E se as matasse por acidente?

Tens de escolher em que colina morrerás, costumava dizer a mãe ao pai. Era uma daquelas expressões estranhas que os adultos esperavam que compreendesse, mesmo que nada naquilo fizesse sentido — como «mais vale um pássaro na mão do que dois a voar» ou «um pau de dois bicos» ou o mistério total que era «um boi a olhar para um palácio». Agora, estar no alto de uma colina a sério, com uma espada na mão, isso sim, percebia muito melhor.

— Vai para o teu lugar — disse Jude, apressando-se Taryn a trepar ao espinheiro. Jude olhou para o sol e pensou no tipo de truques que Madoc poderia usar. Quanto mais ele esperasse, mais escuro ficaria, e Jude e Taryn não conseguiam ver no escuro como ele.

Mas, afinal, acabou por não usar quaisquer truques. Saiu de entre as árvores e correu para elas, uivando como se comandasse um exército de cem soldados. Jude sentiu os joelhos a tremer de horror.

Isto é só um jogo, recordou a si mesma, frenética. Quanto mais se aproximava, menos o seu corpo acreditava nela. Todos os instintos animais lhe diziam para fugir.

A estratégia que escolheram parecia-lhe tonta perante a enormidade dele e a pequenez delas. Perante o medo que sentia. Recordou a sua mãe a esvaír-se em sangue no chão, recordou o cheiro das entranhas dela expostas. A memória pareceu-lhe um trovão na cabeça. Ela ia morrer.

Foge, insistia todo o seu corpo. **FOGE!**

Não. A sua mãe tinha fugido. Jude fincou os pés.

Forçou-se a assumir a primeira postura, mesmo que as pernas lhe tremessem. A vantagem era dele, mesmo enquanto

subia aquela colina, porque o ímpeto era seu. As pedras que Taryn lhe atirava mal o abrandaram.

Jude saiu-lhe da frente, sem se dar ao trabalho de tentar bloquear o primeiro golpe. Pondo a árvore entre ambos, esquivou-se ao segundo e ao terceiro. Quando o quarto veio, atirou-a ao chão.

Fechou os olhos à espera do golpe mortal.

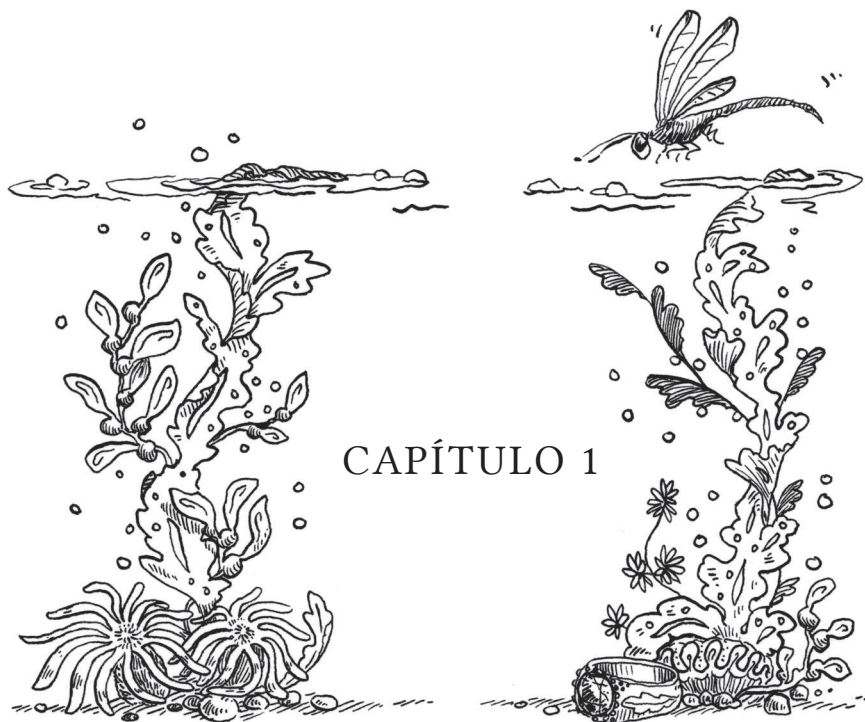
— Podem capturar uma coisa quando ninguém está a ver. Mas defendê-la, mesmo com todas as vantagens do vosso lado, não é tarefa fácil — disse-lhe Madoc, rindo-se. Jude olhou para cima e viu que ele lhe estendia uma mão. — É mais fácil conquistar o poder do que mantê-lo.

O alívio envolveu-a. Era só um jogo, afinal. Só mais uma lição.

— Isso não foi justo — protestou Taryn.

Jude não disse nada. Nada era justo em Faerie. Tinha aprendido a deixar de esperar que fosse.

Madoc ajudou Jude a levantar-se e cobriu-lhe os ombros com um braço pesado. Abraçou-a e à sua gémea. Cheirava a fumo e a sangue seco, mas Jude deixou-se encostar a ele. Era bom ser abraçada. Até por um monstro.



CAPÍTULO 1

O novo Rei Altíssimo de Faerie repousa no seu trono, com a coroa num ângulo despreocupado sobre a cabeça e a sua capa longa, de um escarlate pérfido, presa nos ombros e a varrer o chão. Um brinco brilha na ponta de uma orelha bicuda. Anéis pesados cintilam-lhe nos dedos. O enfeite mais ostensivo é, no entanto, a sua boca suave e amuada.

Fá-lo parecer um sacana tão grande como é.

Permaneço de pé, ao lado dele, na posição honrada de senescal. Sou, supostamente, a conselheira de maior confiança do Rei Altíssimo Cardan e desempenho esse papel, em vez do meu papel real — a mão por trás do trono, com poder para forçá-lo a obedecer, no caso de tentar trair-me.

Procuo na multidão um espião da Corte das Sombras. Intercetaram uma mensagem da Torre do Esquecimento, onde o irmão de Cardan está preso, e trazem-na a mim em vez de ao seu destinatário.

E esta é só a crise mais recente.

Passaram cinco meses desde que forcei Cardan a aceitar o trono de Elfhame como meu rei-fantochê, cinco meses desde que traí a minha família. Desde que a minha irmã levou o meu irmãozinho para o reino mortal, para longe da coroa que poderia ter usado. Desde que cruzei espadas com Madoc.

Cinco meses desde a última vez que dormi mais do que algumas horas seguidas.

Pareceu-me uma boa troca — uma troca muito típica de Faerie, na verdade: sentar no trono alguém que me desprezava, para que Oak ficasse fora de perigo. Foi emocionante enganar Cardan para que promettesse servir-me durante um ano e um dia. Fiquei eufórica quando o meu plano resultou. Na altura, um ano e um dia pareceram-me uma eternidade. Mas, hoje, tinha de perceber como conseguiria mantê-lo sob o meu poder — e longe de sarilhos — durante mais tempo. Tempo suficiente para Oak poder ter o que eu não tive: uma infância.

Hoje, um ano e um dia não me parece tempo nenhum.

E, apesar de ter sentado Cardan no trono pelas minhas próprias maquinações, apesar de conspirar para o manter ali, não consigo não me sentir perturbada por vê-lo tão confortável.

Os governantes de Faerie estão ligados à terra. São o sangue e o coração do seu reino, de uma forma mística que não percebo por inteiro. Mas Cardan não o será, certamente. Não com o seu empenho em ser um preguiçoso que não governa nada.

Em grande parte, as suas obrigações resumem-se a deixar que as suas mãos cobertas de anéis sejam beijadas e a aceitar os louvores do Povo. De certeza que essa parte lhe agrada — os beijos, as vénias, a subserviência. O vinho agrada-lhe, definitivamente. Pede uma e outra vez que voltem a encher-lhe,

com um licor verde-claro, o cálice incrustado com cabuchões. O cheiro deixa-me zozna.

Durante uma pausa, olha para mim e ergue uma sobran-celha negra.

— Divertida?

— Não tanto como tu — digo-lhe.

Por mais que me odiasse quando estávamos na escola, esse ódio empalidecia quando comparado com o que passou a ter-me. A sua boca esboça um sorriso. Os seus olhos brilham com malícia.

— Olha para todos eles, os teus súbditos. É uma vergonha que nem um saiba quem é o seu verdadeiro soberano.

A minha cabeça ferve um pouco quando ouço isto. Tem o dom de pegar num elogio e transformá-lo num insulto, numa pontada que dói mais ainda pela tentação de a aceitar pelo que parece ser.

Passei tantos festins a evitar atrair atenções. Agora, todos me veem, banhada pela luz das velas, num de três gibões pretos quase idênticos que uso todas as noites, com a minha espada *Anoitecer* presa na anca. Giram em danças circulares e tocam as suas canções, bebem o seu vinho dourado e compõem os seus enigmas e as suas pragas, enquanto os observo do estrado real. São belos e terríveis, e podem desprezar a minha mortalidade, podem troçar dela, mas eu estou aqui em cima e eles não.

Claro que isso talvez não seja assim tão diferente de me esconder. Talvez seja apenas esconder-me à vista de todos. Mas não posso negar que o poder me agrada, que sinto prazer quando penso nele. Queria apenas que Cardan não o percebesse.

Se olhar com atenção, consigo avistar a minha irmã gémea, Taryn, a dançar com Locke, o seu prometido. Locke, que um dia pensei poder amar-me. Locke, que um dia eu pensei amar

de volta. Mas é de Taryn que sinto falta. Em noites como esta, imagino que salto do estrado e vou até ela, tentando explicá-lhe as minhas escolhas.

O casamento dela acontecerá daqui a três semanas, e ainda não falámos.

Não paro de repetir para mim mesma que preciso que seja ela a vir até mim primeiro. Fez-me passar por parva com Locke. Ainda me sinto estúpida quando olho para eles. Se Taryn não pedir desculpa, que, pelo menos, seja ela a fingir que não há motivo para pedir desculpa. Até poderei aceitar isso. Mas não serei eu a dar o primeiro passo ou a suplicar.

Os meus olhos seguem-na enquanto dança.

Não me dou ao trabalho de procurar Madoc. O seu amor fez parte do preço que paguei por esta posição.

Um homem fada baixo e enrugado, com uma nuvem de cabelo prateado e um casaco escarlate, ajoelha-se diante do estrado, esperando ser reconhecido. Tem pedras preciosas nos punhos e o alfinete de mariposa que lhe prende a capa tem asas que se mexem sozinhas. Apesar da sua postura subserviente, o seu olhar é ganancioso.

Ao lado dele, erguem-se dois membros altos do Povo das colinas, com longos membros e cabelo soprado para trás, mesmo que não haja brisa.

Bêbedo ou sóbrio, agora que passou a ser o Rei Altíssimo, Cardan tem de ouvir os súbditos, que esperam que resolva os seus problemas, por mais pequenos que sejam, ou que lhes conceda uma benesse. Não consigo imaginar por que motivo alguém depositaria o destino nas suas mãos, mas Faerie abunda em caprichos.

Felizmente, estou aqui para lhe sussurrar o meu conselho ao ouvido, como qualquer senescal faria. A diferença é que

tem de fazer o que lhe digo. E se sussurrar alguns insultos horrendos como resposta, bem, pelo menos será forçado a sussurrá-los.

Claro que, aí, a questão passa a ser se mereço ou não aquele poder. *Não serei horrível por diversão*, digo a mim mesma. *Terá de valer alguma coisa*.

— Ah — diz Cardan, inclinando-se para a frente no trono e fazendo a coroa descer-lhe mais ainda pela testa. Bebe um longo gole de vinho e sorri ao trio. — Deverá ser um problema muito grave, para o trazerem perante o Rei Altíssimo.

— Terás já ouvido falar de mim — diz o pequeno homem fada. — Fiz a coroa que tens sobre a cabeça. Chamam-me Grimsen, o Ferreiro, há muito exilado com o Rei-Antigo. Os seus ossos repousam agora, e há um novo Rei-Antigo em Fairfold, tal como há aqui um novo Rei Altíssimo.

— Severin — digo.

O ferreiro olha para mim, claramente surpreendido por me ouvir falar. A seguir, olha de novo para o Rei Altíssimo.

— Imploro que me permitas regressar à Corte Altíssima.

Cardan pestaneja algumas vezes, como se tentasse focar o olhar no suplicante à sua frente.

— Então foste exilado? Ou decidiste partir?

Lembro-me de Cardan me falar um pouco de Severin, mas não tinha mencionado Grimsen. Tinha ouvido falar dele, claro. É o ferreiro que fez a Coroa de Sangue para Mab e que a cobriu de encantamentos. Diz-se que consegue fazer qualquer coisa de metal, mesmo criaturas vivas — aves de metal que voam, serpentes de metal que rastejam e mordem. Fez as espadas gémeas, a *Caça-Corações* e a *Prometida*, uma que nunca falha e outra capaz de cortar qualquer coisa. Infelizmente, fê-las para o Rei-Antigo.

— Jurei-lhe lealdade como seu servo — diz Grimsen. — Quando foi exilado, fui obrigado a segui-lo... E, quando o fiz, também eu caí em desgraça. Mesmo que apenas lhe tenha feito bugigangas em Fairfold, continuava a ser considerado criatura sua pelo teu pai. Agora que morreram os dois, peço permissão para encontrar um lugar para mim aqui na tua Corte. Não me castigues mais e a minha lealdade será tão grande como a tua sabedoria.

Olho para o pequeno ferreiro com mais atenção e, de repente, tenho a certeza de que está a jogar com as palavras. Mas com que fim? O pedido parecia genuíno e, se a humildade de Grimsen não o é, a sua fama impede que isso seja uma surpresa.

— Muito bem — diz Cardan, parecendo agradado por lhe terem pedido alguma coisa fácil de conceder. — O teu exílio terminou. Jura-me lealdade e serás bem-vindo na Corte Altíssima.

Grimsen faz uma vénia. Há na sua expressão uma alteração dramática.

— Nobre rei, pedes ao teu servo a coisa mais pequena e razoável, mas eu, que sofri por tais juras, temo voltar a fazê-las. Concede-me isto: permite que possa demonstrar-te a minha lealdade pelos meus atos em vez de me comprometer com as minhas palavras.

Ponho a mão no braço de Cardan, mas este ignora o meu sinal de cautela. Podia dizer alguma coisa, e ele seria obrigado — por ordem prévia — a, pelo menos, não me contrariar, mas não sei o que dizer. Ter o ferreiro ali, a forjar para Elfhame, não é coisa pouca. Valerá, pelo menos, a ausência de jura.

E, no entanto, algo no olhar de Grimsen parece demasiado confiante e seguro de si. Desconfio que seja um truque.

Cardan fala antes de eu conseguir perceber mais alguma coisa.

— Aceito a tua condição. E conceder-te-ei uma benesse. Há um velho edifício com uma forja na fronteira dos terrenos do palácio. Será teu e todo o metal que pedires também. Anseio por ver o que farás para nós.

Grimsen volta a fazer uma vénia.

— A tua gentileza não será esquecida.

Isto não me agrada, mas talvez esteja a ser exageradamente cautelosa. Talvez não goste do ferreiro, apenas. Há pouco tempo para refletir antes de outro suplicante avançar.

Uma bruxa, velha e poderosa que chegou para fazer o ar à sua volta faiscar com o poder da sua magia. Os seus dedos são como ramos, o seu cabelo é da cor do fumo, e o seu nariz como a lâmina de uma foice. À volta do pescoço, traz um colar de pedras, cada conta gravada com espirais que parecem prender e intrigar o olhar. Quando se mexe, a túnica pesada que a cobre acompanha o movimento, e avisto pés com garas como os de uma ave de rapina.

— Reizinho — diz a bruxa. — A Mãe Marrow traz-te presentes.

— A tua lealdade é tudo o que exijo. — A voz de Cardan é delicada. — Por agora.

— Oh, sou leal à Coroa, sem dúvida — diz ela, enfiando a mão num dos seus bolsos e puxando um pano que parece mais negro do que o céu noturno, tão negro que parece absorver a luz à sua volta. O tecido desliza-lhe sobre a mão. — Mas vim aqui para te dar uma prenda rara.

O Povo não gosta de dívidas e é por isso que nunca pagam um favor com um simples obrigado. Deem-lhes um biscoito de aveia, e encherão uma das divisões da casa com cereais,

exagerando na compensação para transferir a dívida para quem fez a primeira oferta. Ainda assim, os Reis Altíssimos recebem tributos constantes: ouro, serviços prestados, espadas com nome. Mas não costumamos chamar-lhes *presentes*. Ou *prêmios*.

Não sei como interpretar o seu pequeno discurso.

Ronrona:

— A minha filha e eu tecemos isto com teia de aranha e pesadelos. Uma vestimenta deste tecido consegue defletir uma lâmina afiada e, no entanto, ser macia como uma sombra na tua pele.

Cardan franze a testa, mas o seu olhar não se afasta do tecido maravilhoso.

— Admito que nunca terei visto igual.

— Então aceitas o que te concedo? — pergunta com um brilho matreiro no olhar. — Sou mais velha do que o teu pai e a tua mãe. Mais velha do que as pedras deste palácio. Tão velha como os ossos da terra. Mesmo que sejas o Rei Altíssimo, a Mãe Marrow aceitará a tua palavra.

Cardan semicerra os olhos. Percebo que o irritou.

Há aqui um truque e, desta vez, percebo o que é. Antes de ele poder responder, digo:

— Falaste em *presentes*, mas só nos mostraste o teu tecido maravilhoso. Estou certa de que a Coroa receberá com agrado o que for livremente oferecido.

O olhar dela fixa-se em mim. Os seus olhos são duros e frios como a noite.

— E quem és tu para falares pelo Rei Altíssimo?

— Sou a sua senescal, Mãe Marrow.

— Permites que esta rapariga mortal responda por ti? — pergunta a Cardan.

Cardan olha-me com tanta condescendência que me sinto corar. O olhar permanece. A sua boca curva-se.

— Suponho que sim — diz, por fim. — Diverte-se a manter-me longe de apuros.

Mordo a língua ao vê-lo fazer uma expressão plácida para a Mãe Marrow.

— É esperta que chegue — diz a bruxa, cuspidando as palavras como uma praga. — Muito bem. O tecido é teu, Majestade. Ofereço-o. Dou-te isto e nada mais.

Cardan inclina-se para a frente como se estivessem a partilhar uma piada.

— Diz-me o resto. Gosto de truques e ardis. Mesmo aqueles em que quase fui apanhado.

A Mãe Marrow inclina-se para um lado e para o outro, sobre os pés com garras. É o primeiro sinal de inquietação que demonstra. Mesmo para uma bruxa com ossos tão velhos como ela afirmou, a ira de um Rei Altíssimo é perigosa.

— Muito bem. Se tivesses aceitado tudo o que te concedo, ficarias sob uma *geas* que te deixaria casar apenas com uma tecelã do tecido nas minhas mãos. Eu... ou a minha filha.

Sinto um arrepio frio ao pensar no que poderia ter acontecido. Poderia o Rei Altíssimo de Faerie ter sido obrigado a tal casamento? Sem dúvida que teria havido uma saída. Pensei no Rei Altíssimo anterior, que nunca casou.

O casamento é raro entre os governantes de Faerie, porque quem se torna soberano continuará a sê-lo até à morte ou até à abdicação. Entre a gente comum do Povo, os casamentos de fadas são combinados com possibilidade de saída. Ao contrário do «até que a morte nos separe» dos mortais, estes contêm condições como «até ambos renunciarem um ao outro» ou «a não ser que um golpeie o outro em fúria» ou o cuidadosamente

formulado «pelo período de uma vida», sem especificar de quem. Mas uma união de reis e/ou rainhas nunca pode ser dissolvida.

Se Cardan casasse, não bastaria retirá-lo do trono para lá sentar Oak. Teria de fazer o mesmo à sua esposa.

As sobranceiras de Cardan erguem-se, mas sem deixar de demonstrar uma serena despreocupação.

— Lisonjeias-me, senhora. Desconhecia o teu interesse.

O olhar dela não vacila enquanto entrega o seu presente a um dos guardas pessoais de Cardan.

— Que um dia estejas à altura da sabedoria dos teus conselheiros.

— A oração fervorosa de muitos — diz ele. — Diz-me. A tua filha viajou contigo?

— Está aqui — diz a bruxa. Uma rapariga destaca-se da multidão para fazer uma vénia diante de Cardan. É jovem, com cabelo abundante e solto. Como a sua mãe, tem membros compridos e estranhos, semelhantes a ramos, mas tem a graça que falta ao seu físico ossudo e perturbador. Talvez ajude que os seus pés pareçam humanos.

Mesmo que, verdade seja dita, estejam virados para trás.

— Seria um marido fraco — diz Cardan, olhando a rapariga, que parecia encolher-se sobre si mesma com a intensidade do seu olhar. — Mas concede-me uma dança e mostrar-te-ei os meus outros talentos.

Olho-o com desconfiança.

— Vem — diz a Mãe Marrow à rapariga, e segura-a pelo braço sem grande delicadeza, arrastando-a pela multidão. A seguir, olha para Cardan. — Voltaremos a encontrar-nos os três.

— Todas vão querer casar contigo, sabes? — diz Locke. Reconheço-lhe a voz antes mesmo de o ver ocupar o lugar que a Mãe Marrow deixou vazio.

Sorri a Cardan, parecendo encantado consigo mesmo e com o mundo.

— Será melhor que aceites concubinas — aconselha Locke.
— Muitas concubinas.

— Palavras de um homem prestes a casar — recorda-lhe Cardan.

— Oh, deixa-me estar. Tal como a Mãe Marrow, também te trouxe um presente. — Locke dá um passo na direção do estrado. — Com menos espinhos. — Não me olha. É como se não me visse ou como se fosse tão desinteressante como uma peça de mobiliário.

Gostava que não me incomodasse. Gostava de não recordar quando estava no topo da torre mais alta da sua propriedade, sentindo o corpo quente dele contra o meu. Gostava que não me tivesse usado para testar o amor da minha irmã. Gostava que ela não lho tivesse permitido.

Se os desejos fossem cavalos, costumava dizer o meu pai mortal, *os mendigos montariam*. Outra daquelas frases que não faz sentido até fazer.

— Sim? — Cardan parece mais confuso do que intrigado.

— Gostava de te oferecer *eu próprio*, como teu Mestre de Festins. Concede-me a posição, e tornarei meu dever e prazer impedir que o Rei Altíssimo de Elfhame se aborreça — diz Locke.

Há tantas posições no palácio — criados e ministros, embaixadores e generais, conselheiros e alfaiates, bobos e tecedores de enigmas, mordomos de cavalos e guardadores de aranhas, e uma dúzia de outras posições de que me esqueci. Nem sequer sabia que *existia* um Mestre de Festins. Talvez não existisse até agora.

— Servirei maravilhas que nunca imaginaste. — O sorriso de Locke é contagioso. Servirá sarilhos, sem dúvida. Sarilhos para os quais não tenho tempo.

— Cautela — digo, fazendo Locke olhar-me pela primeira vez. — Decerto não desejas insultar a imaginação do Rei Altíssimo.

— Decerto que não — diz Cardan, de uma forma difícil de interpretar.

O sorriso de Locke não vacila. Em vez disso, salta para o estrado, fazendo os cavaleiros de cada lado avançarem imediatamente para o impedirem. Cardan afasta-os com um gesto.

— Se o nomeares Mestre de Festins... — começo, apressada e em desespero.

— Estás a dar-me ordens? — interrompe Cardan, arqueando uma sobrancelha.

Sabe que não posso dizer que sim, não com a possibilidade de sermos ouvidos por Locke.

— Claro que não. — Recuo.

— Ótimo — diz Cardan, afastando o olhar de mim. — Apetece-me conceder o teu pedido, Locke. As coisas têm sido tão aborrecidas nos últimos tempos.

Vejo o sorriso de Locke e mordo a língua para conter palavras de ordem. Teria sido tão satisfatório ver a sua cara, exibir o meu poder diante dele.

Satisfatório, mas estúpido.

— Antes, Gralhas, Cotovias e Falcões disputavam o coração da Corte — diz Locke, referindo-se às fações que favoreciam a festança, o engenho ou a guerra. Fações que Eldred ia favorecendo e desprezando. — Mas, agora, o coração da Corte é teu e só teu. Vamos parti-lo.

Cardan olha com estranheza para Locke, como se pensasse, pela primeira vez, que ser o Rei Altíssimo poderia ser *divertido*. Como se imaginasse como seria governar sem precisar de forçar a trela na minha mão.

A seguir, do outro lado do estrado, avisto, por fim, Bomba, uma espia na Corte das Sombras, com o cabelo branco a formar uma auréola à volta da sua cara escura. Faz-me sinais.

Não me agrada deixar Locke e Cardan juntos — não me agrada a sua noção de diversão —, mas tento ignorar isso enquanto me afasto do estrado e me aproximo dela. Afinal, é impossível conspirar contra Locke quando está ocupado com o que mais o diverte neste momento...

A meio caminho do sítio onde Bomba me espera, ouço a voz de Locke ecoar sobre a multidão.

— Celebraremos a Lua do Caçador no Bosque Lácteo e, aí, o Rei Altíssimo dar-vos-á um deboche tal, que os bardos cantarão sobre ele. Prometo-vos.

O pavor forma um nó na minha barriga.

Locke puxa algumas sílfides da multidão para o estrado, com as suas asas iridescentes a refletirem a luz das velas. Uma rapariga ri-se alto e estende a mão para o cálice de Cardan, esvaziando-o. Espero que ele reaja, que a humilhe ou lhe destrua as asas, mas limita-se a sorrir e a pedir mais vinho.

Qualquer que seja o plano de Locke, Cardan parece preparado para alinhar. Todas as coroações de Faerie são seguidas por um mês de festins — banquetes, bebida, enigmas, duelos e mais. Esperar-se-á que o Povo dance até gastar a sola dos sapatos, do anoitecer ao amanhecer. Mas, cinco meses depois de Cardan se tornar Rei Altíssimo, o grande salão continua sempre cheio, com os chifres a transbordarem de hidromel e vinho de trevo. O festejo mal abrandou.

Há muito tempo que Elfhame não tinha um Rei Altíssimo tão jovem, e o desvario infeta os cortesãos. A Lua do Caçador virá em breve, antes mesmo do casamento de Taryn. Se Locke

tenciona avivar, cada vez mais, as chamas da festança, quanto tempo demorará até tornar-se um perigo?

Com alguma dificuldade, viro as costas a Cardan. Afinal, de que serviria captar o seu olhar? O seu ódio é tal que fará o que puder para me desafiar, sem desobedecer às minhas ordens. E ele é muito bom a desafiar.

Gostaria de dizer que sempre me odiou, mas, durante um momento breve e estranho, pareceu-me que nos compreendíamos, ou até que gostávamos um do outro. Aquela aliança improvável tinha começado com a minha lâmina contra a garganta dele e fê-lo confiar o suficiente em mim para se entregar nas minhas mãos.

Uma confiança que traí.

Outrora, atormentava-me por ser jovem, entediado, irritado e cruel. Agora, tinha motivos melhores para os tormentos a que me submeteria quando passasse um ano e um dia. Será muito difícil mantê-lo sempre sob o meu poder.

Alcanço Bomba e esta enfia-me um pedaço de papel na mão.

— Outra mensagem do Balekin para o Cardan — diz. — Esta chegou até ao palácio antes de a intercetarmos.

— É igual às duas primeiras?

Acena com a cabeça.

— Muito parecida. O Balekin tenta usar a lisonja para convencer o nosso Rei Altíssimo a visitar a sua cela. Quer propor um acordo qualquer.

— Claro que quer — digo, sentindo-me outra vez feliz por ter sido recebida na Corte das Sombras e por ainda contar com eles para olharem por mim.

— Que farás? — pergunta-me.

— Visitarei o príncipe Balekin. Se quer fazer uma proposta ao Rei Altíssimo, terá de começar por convencer a sua senescal.

Um canto da sua boca ergue-se.

— Irei contigo.

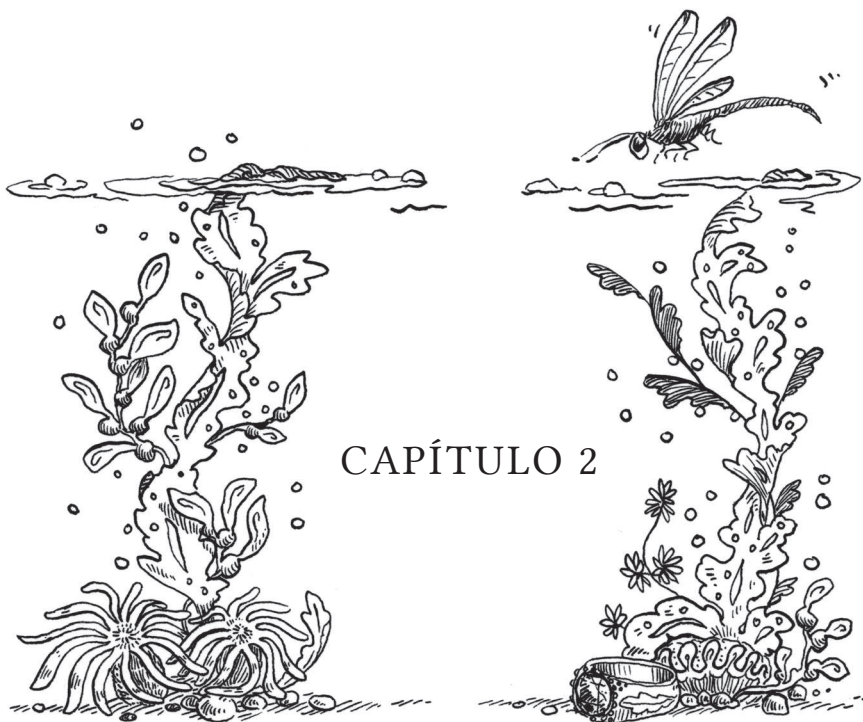
Volto a olhar para o trono, fazendo um gesto vago.

— Não. Fica aqui. Tenta impedir que o Cardan se meta em sarilhos.

— *Ele* é o maior sarilho — recorda-me, sem parecer muito preocupada com a sua própria afirmação.

Enquanto me dirijo às passagens que conduzem ao interior do palácio, avisto Madoc do outro lado do salão, quase envolto em sombras, fitando-me com olhos de gato. Não está perto que chegue para falar, mas, se estivesse, não tenho dúvidas acerca do que diria.

O poder é muito mais fácil de conquistar do que de manter.



Balekin está preso na Torre do Esquecimento, na Ilha da Mágoa, no extremo norte de Insweal. Insweal é uma das três ilhas de Elfhame, ligada a Insmire e Insmoor por grandes rochedos e faixas de terra, e povoada apenas por alguns abetos, veados de pelo prateado e, ocasionalmente, por membros do Povo das árvores. É possível que alguém vá de Insmire a Insweal a pé, desde que não se importe de saltar de pedra em pedra, de atravessar o Bosque Lácteo sem companhia, e de ficar pelo menos um pouco molhado.

Importo-me com tudo isso e decido levar um cavalo.

Como senescal do Rei Altíssimo, posso usufruir dos seus estábulos. Nunca fui grande amazona e escolho uma égua que parece dócil que chegue, com pelo de um negro suave e crina decorada com nós complicados e, provavelmente, mágicos.

Conduzo-a lá para fora, enquanto um criado duende me traz o freio e a brida.

A seguir, monto-a e viro-a na direção da Torre do Esquecimento. Ondas chocam contra os rochedos em baixo. Um jorro salgado faz erguer neblina. Insweal é uma ilha proibitiva, com grandes extensões do seu terreno despojadas de verde, contendo apenas rochas pretas, charcos de maré e uma torre com ferro frio na sua estrutura.

Prendo a égua a um dos anéis de metal preto cravados na parede de pedra da torre. Relincha, nervosa, pressionando a cauda com força contra o corpo. Toco-lhe no nariz de uma forma que espero que seja tranquilizadora.

— Não me demoro e, depois, saímos daqui — digo-lhe, arrependida por não ter perguntado ao criado qual o nome dela.

Os meus sentimentos não são muito diferentes dos da égua, quando bato na porta pesada de madeira.

Uma criatura grande e peluda abre-a. Enverga uma bela armadura de folha, com pelo dourado a sair pelas aberturas. Não há qualquer dúvida de que é um soldado, o que antes significava que me trataria bem, por receio de Madoc. Mas, agora, passou a significar exatamente o oposto.

— Sou a Jude Duarte, senescal do Rei Altíssimo — digo-lhe. — Assuntos da Coroa trazem-me aqui. Deixa-me entrar.

Afasta-se, abrindo mais a porta, e entro na antecâmara mal iluminada da Torre do Esquecimento. Os meus olhos mortais demoram a ajustar-se, e mal, à falta de luz. Não tenho o talento das fadas para ver na escuridão quase plena. Há pelo menos três outros guardas ali, mas quase não passam de silhuetas.

— Supõe-se que tenhas vindo ver o príncipe Balekin — diz uma voz ao fundo.

É sinistro não conseguir ver com clareza quem falou, mas tento não mostrar desconforto e aceno com a cabeça:

— Levem-me a ele.

— Vulciber — diz a voz. — Leva-a tu.

A Torre do Esquecimento tem esse nome, porque funciona como local onde se enfiam membros do Povo que um monarca quer apagar da memória da Corte. A maior parte dos criminosos são punidos com pragas ardilosas, missões ou outra forma de castigo caprichoso. Para acabar ali, alguém terá de ter irritado muito uma fada importante.

Os guardas são quase todos soldados para quem um posto tão sinistro e solitário se adequa ao seu temperamento — ou aqueles cujos comandantes pretendem ensinar-lhes humildade. Quando olho para as figuras sombrias, é difícil perceber a que categoria pertencem.

Vulciber aproxima-se de mim, e reconheço o soldado peludo que abriu a porta. Pelo sobrolho saliente e os membros compridos, diria ter sangue de troll.

— Vamos — digo.

Olha-me com dureza, em resposta. Não sei o que lhe desagrada em mim — a minha mortalidade, a posição que ocupo, a interrupção da sua noite. Não pergunto. Limito-me a segui-lo degraus de pedra abaixo até à escuridão húmida e de perfume mineral. O cheiro a terra é intenso, e há um odor apodrecido a cogumelos que não consigo localizar.

Paro, quando a escuridão se torna demasiado profunda e receio tropeçar.

— Acende as lanternas — digo.

Vulciber aproxima-se. Sinto na cara o seu hálito a folhas molhadas.

— E se não o fizer?

Uma faca fina surge com facilidade na minha mão, deslizando por uma bainha na manga. Pressiono a ponta contra o flanco dele, logo abaixo das costelas.

— Não queiras descobrir.

— Mas não consegues ver — insiste ele, como se lhe tivesse pregado uma partida desonesta por não ficar tão intimidada como estava à espera.

— Ou talvez prefira só um pouco mais de luz — digo, tentando controlar a voz, mesmo que o meu coração bata em desvario e que as palmas das minhas mãos comecem a transpirar. Se tivermos de combater nas escadas, terei de ser rápida e certa, porque será pouco provável que tenha uma segunda oportunidade.

Vulciber afasta-se de mim e da minha faca. Ouço os seus passos pesados sobre os degraus e começo a contá-los, prevendo a possibilidade de ter de o seguir às cegas. Mas depois um archote ilumina-se, emitindo chamas verdes.

— E então? — diz ele. — Vens?

As escadas passam por várias celas, algumas vazias e outras cujos ocupantes se sentam a distância suficiente das grades para que o archote não os ilumine. Não reconheço ninguém até chegar à última cela.

O cabelo preto do príncipe Balekin está preso por um diadema que recorda a sua condição real. Apesar de estar preso, não parece muito perturbado. Três tapetes cobrem a pedra húmida do chão. Senta-se numa cadeira talhada, fixando em mim olhos velados e brilhantes como os de uma coruja. Um samovar dourado repousa sobre uma mesa pequena e elegante. Balekin abre uma torneira, e um chá fumegante e perfumado enche a frágil porcelana. O cheiro recorda-me algas.

Mas, por mais elegante que pareça, continua a estar na Torre do Esquecimento, com algumas traças avermelhadas pousadas na parede acima dele. Quando derramou o sangue do Rei Altíssimo anterior, as gotículas transformaram-se em

traças, que esvoaçaram durante alguns espantosos momentos antes de parecerem morrer. Pensei que tivessem desaparecido todas, mas algumas tê-lo-iam seguido como recordação dos seus pecados.

— A Nossa Senhora Jude da Corte das Sombras — diz, como se acreditasse que essas palavras conseguissem encantar-me. — Posso oferecer-te uma chávena?

Há movimento numa das outras celas. Penso como serão aquelas horas do chá quando não estou ali.

Não me agrada que saiba da Corte das Sombras ou da minha associação a eles, mas também não posso ficar totalmente surpreendida — o príncipe Dain, o nosso empregador e mestre de espiões, era irmão de Balekin. E se Balekin sabia da Corte das Sombras, terá reconhecido um dos seus membros enquanto estes roubavam a Coroa de Sangue e a colocavam nas mãos do meu irmão, para que a pusesse na cabeça de Cardan.

Balekin tem bons motivos para não ficar muito satisfeito por me ver.

— Infelizmente, tenho de recusar o chá — digo. — Não demoro. Enviaste mensagens ao Rei Altíssimo. Falaste de um acordo? Uma proposta? Venho a seu mando para ouvir o que desejas dizer-lhe.

O sorriso dele parece distorcer-se e enfear.

— Julgas-me diminuído — diz Balekin. — Mas continuo a ser um príncipe de Faerie, mesmo aqui. Vulciber, será que podes dar um bofetão na cara bonita da senescal do meu irmão?

O golpe é de mão aberta, mais rápido do que poderia esperar. O ruído do bofetão foi chocante no momento em que a sua mão tocou a minha pele. Deixou-me furiosa e com a bochecha a arder.

A minha faca voltou à minha mão direita, e a sua gémea encheu-me a esquerda.

Há avidez na expressão de Vulciber.

O meu orgulho impele-me a lutar, mas ele é maior do que eu e estamos num espaço que lhe é familiar. Não seria um simples duelo. Mesmo assim, a vontade de o derrotar e a ânsia de lhe apagar aquela arrogância da cara são avassaladoras.

Quase avassaladoras. *O orgulho é para os cavaleiros*, recordo a mim mesma. *E não para espiões*.

— A minha *cara bonita* — murmuro a Balekin, guardando as facas devagar. Estico os dedos para tocar na cara. Vulciber bateu-me com força suficiente para que eu ferisse o interior da boca com os dentes. Cuspo sangue no chão de pedra. — Que lisonjeiro. Roubei-te uma coroa, suponho que algum rancor seja permissível. Sobretudo quando acompanhado por um elogio. Mas não voltes a testar-me a paciência.

De repente, Vulciber parece inseguro.

Balekin bebe um gole do seu chá.

— Falas com grande liberdade, mortal.

— E porque não haveria de falar? — pergunto. — Falo com a voz do Rei Altíssimo. Achas que ele quer vir até aqui, afastando-se do palácio e dos seus prazeres, para lidar com o irmão mais velho que tanto sofrimento lhe causou?

O príncipe Balekin inclina-se para a frente na cadeira.

— Pergunto-me se saberás o que pretendes dizer.

— E eu pergunto que mensagem queres que transmita ao Rei Altíssimo.

Balekin olha-me — terei, certamente, uma das minhas bochechas corada. Dá outro gole cuidadoso de chá.

— Ouvi dizer que, para os mortais, a paixão é muito parecida com o medo. O teu coração bate depressa. Os sentidos

alvorçados. Sentes-te zozza. Talvez até sintas uma tontura. — Olha-me. — Acertei? Explicaria muito sobre a tua gente, se fosse possível confundir as duas coisas.

— Nunca estive apaixonada — digo-lhe, recusando sentir-me abalada.

— E consegues mentir, claro — diz ele. — Percebo porque o Cardan consideraria isso útil. Porque o Dain o terá considerado, também. Foi inteligente da parte dele acolher-te no seu pequeno bando de párias. Foi inteligente por perceber que o Madoc te pouparia. Diga-se o que se disser sobre o meu irmão, era também de um sentimentalismo maravilhoso.

» Da minha parte, mal pensei em ti e, quando pensei, foi apenas para picar o Cardan com os teus triunfos. Mas tens algo que ele nunca teve: *ambição*. Se tivesse percebido isso, teria uma coroa agora. Mas penso que também terás errado na avaliação que fizeste de mim.

— Ai sim? — Sei que isto não me vai agradar.

— Não te darei a mensagem que destinei ao Cardan. Chegar-lhe-á por outra via e será em breve.

— Então desperdiças o teu tempo e o meu — digo, irritada. Vim até aqui, fui agredida e assustada para nada.

— Ah, o tempo — diz ele. — És a única que o tem limitado, mortal. — Acena com a cabeça a Vulciber. — Podes levá-la.

— Vamos — diz o guarda, empurrando-me sem grande delicadeza para os degraus. Enquanto subo, viro-me para olhar para a cara de Balekin, severa à luz verde dos archotes. A semelhança com Cardan incomoda-me.

Vou a meio da subida quando uma mão de dedos longos passa entre as grades, segurando-me o tornozelo. Sobressaltada, escorrego, raspando as mãos e batendo com os joelhos, enquanto caio pelos degraus abaixo. O velho ferimento de

faca no centro da minha mão esquerda palpita de repente. Mal consigo impedir-me de cair pelo resto das escadas.

A meu lado, vejo a cara magra de uma fada. A sua cauda enrola-se numa das barras de metal. Chifres curtos crescem-lhe na testa.

— Conheci a tua Eva — diz-me, com os olhos a cintilar na penumbra. — Conheci a tua mãe. Soube tantos dos seus pequenos segredos.

Levanto-me e subo os degraus tão depressa quanto consigo, com o coração a bater mais depressa do que no momento em que pensei que teria de lutar com Vulciber na escuridão. A minha respiração faz-se com inspirações curtas e rápidas que me fazem sentir dor nos pulmões.

No alto das escadas, faço uma pausa para limpar as palmas das mãos doridas ao gibão e tentar recompor-me.

— Ah — digo a Vulciber, quando a minha respiração acalma um pouco. — Já me esquecia. O Rei Altíssimo entregou-me um pergaminho com ordens. Há algumas mudanças na forma como deseja que o seu irmão seja tratado. Estão lá fora, nos meus alforjes. Se puderes seguir-me...

Vulciber dirige um olhar interrogativo ao guarda que o mandou conduzir-me até Balekin.

— Depressa — diz a figura envolta nas sombras.

Vulciber acompanha-me pela grande porta da Torre do Esquecimento. Iluminadas pela lua, as rochas pretas brilham com partículas de sal, revelando uma camada cintilante como a das frutas cristalizadas. Tento focar-me no guarda e não no som do nome da minha mãe, um nome que não ouvia há tantos anos que, por um momento, não percebi porque era importante para mim.

Eva.

— Aquela égua só tem freio e brida — diz Vulciber, franzindo a testa para a montada negra presa à parede. — Mas tu disseste...

Espeto-lhe no braço um pequeno alfinete que mantenho escondido no forro do meu gibão.

— Menti.

Preciso de fazer esforço para o içar para a égua. Ela conhece ordens militares, incluindo a ordem para ajoelhar, o que ajuda. Mexo-me tão depressa quanto posso, receando que um dos guardas venha ver o que estamos a fazer, mas tenho sorte. Ninguém vem antes de partirmos.

Outro motivo para ir a Insweal a cavalo e não a pé: nunca se sabe o que poderemos trazer connosco.

É MAIS FÁCIL CONQUISTAR O PODER DO QUE MANTÊ-LO...

Para proteger o irmão mais novo, Jude uniu-se ao príncipe cruel, Cardan, e tornou-se o poder por detrás do trono. Mas se a corte de Faerie é difícil de gerir, já Cardan revela-se completamente impossível de controlar. Enquanto rei, ele está determinado em humilhar Jude, mesmo que continue fascinado por ela. Um jogo de rivalidade, que se torna mais intenso e explosivo a cada dia do curto reinado de Cardan.

Mas quando Jude acha que tem todas as peças na mão, alguém próximo a atraíçoa, ameaçando os seus elaborados planos para Faerie.

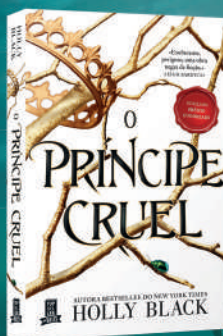
Agora, ela precisa desesperadamente de manter Cardan no trono, por mais tempo do que o planeado e contra a vontade dele.

Mas o novo rei tem outras ideias ao descobrir que o poder além de viciante... é perverso!

È AS FADAS SABEM-NO MUITO BEM!

Com uma intriga de tirar o fôlego, magia e motivações sanguinárias, esta é a muito aguardada sequência de *O Príncipe Cruel*, que deixará os leitores rendidos à conspiração das fadas.

DA MESMA AUTORA:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-443-8



9 789895 644438

Literatura Fantástica